

RELAÇÕES DE ENSINO E APRENDIZAGEM: UMA RESPONSABILIDADE COM A MULTIPLICIDADE

Vianeí Luís Hammerschmitt¹

Jekcilhane Rigo²

Alexandra Franchini Raffaelli³

Edson Lopes⁴

Rúbia Marta Cadore Albarello⁵

Domingos Luiz Palma⁶

Resumo:

As escolas configuram-se como um ambiente que exige constante evolução e inovação, no entanto, isso nem sempre é uma condição natural e orgânica, principalmente porque nela também se manifestam diferentes elementos geracionais, sociais, étnicos, culturais, tanto no que diz respeito aos discentes como docentes. Nesse sentido, o conceito de “escolas criativas” tem sido evidenciado como uma forma de reconhecer e promover a inovação e o protagonismo nas relações de ensino e aprendizagem. Escolas criativas incentivam a criatividade, experimentação e o pensamento crítico, permitindo que professores e estudantes sejam mais ativos nos processos de conversação curricular para a formação de repertório conceitual e prático em torno das metas de aprendizagem em questão. O objetivo geral deste trabalho reside em apresentar uma revisão bibliográfica sobre as escolas criativas e protagonismo nas relações de ensino e aprendizagem. Em seus objetivos específicos visa reverberar essa temática no contexto atual da educação, bem como, oferecer elementos epistemológicos para gestores e professores. Dessa inquietação pedagógica e intelectual nasce o problema central da pesquisa: Como tornar as escolas espaços mais criativos e próximos da vida como ela é? O resultado da pesquisa apresenta desafios didáticos, estratégias de organização de ambientes de aprendizagem e de protagonismo estudantil no seu percurso formativo.

Palavras-chave: Escolas criativas, inovação didática.

Abstract

Schools are configured as an environment that requires constant evolution and innovation, however, this is not always a natural and organic condition, mainly because different generational, social, ethnic, cultural elements are also manifested in it, both in relation to students and teachers. In this sense, the concept of “creative schools” has been highlighted as a way to recognize and promote innovation and protagonism in

¹ Mestre em Ciências Ambientais pela Unochapecó, Especialista em Ciências Sociais e Filosofia Clínica Licenciado em Filosofia, História e Psicologia. Assessor de Direção e coordenador do NEM da EEB. Pe. Balduino Rambo, Professor do Centro Universitário Fai. Email: vianeil@uceff.edu.br

² Estudante de Pedagogia 6º Semestre. Email: jekcilhanerigo111@gmail.com

³ Mestre em Educação pela Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul. Pró-Reitora Acadêmica – Uceff – Itapiranga. Email: alexandra@uceff.edu.br

⁴ Professor do Curso de Psicologia da Uceff Chapecó. Email: edzpsic@hotmail.com

⁵ Professor do Curso de Pedagogia da Uceff Itapiranga. Email: rubia@uceff.edu.br

⁶ Professor do Curso de Psicologia da Uceff Chapecó. Email: domingos.palma@uceff.edu.br

teaching and learning relationships. Creative schools encourage creativity, experimentation and critical thinking, allowing teachers and students to be more active in the processes of curricular conversation for the formation of conceptual and practical repertoire around the learning goals in question. The general objective of this work is to present a bibliographic review on creative schools and protagonism in teaching and learning relationships. In its specific objectives, it aims to reverberate this theme in the current context of education, as well as, to offer epistemological elements for managers and teachers. From this pedagogical and intellectual restlessness, the central problem of the research is born. How to make schools more creative spaces and closer to life as it is? As a result of the research, it presents didactic challenges, strategies for organizing learning environments and student protagonism in their formative journey.

Keywords: Creative schools, didactic innovation.

Introdução

As relações de ensino e aprendizagem acontecem ao longo de toda história evolutiva, sendo que é através desse processo que se conservam os conhecimentos e as práticas das gerações passadas, evitando assim, que cada geração precise voltar à estaca zero. Nesta seara, as relações de ensino e aprendizagem criam uma importância estruturante para garantir que os conhecimentos possam ser acessados. Porém, ao longo da jornada evolutiva, percebe-se que nem todos tinham acesso aos conhecimentos, gerando por isso, diferenças sociais culturais e intelectuais não só na diversidade de territórios, como também dentro de núcleos organizacionais comuns.

A mudança filosófica, social e cultural tem buscado uma igualdade de condições materiais no que diz respeito ao acesso aos equipamentos responsáveis pela administração dos conhecimentos e suas práticas, como escolas, fundações, institutos e universidades. Mesmo com o avanço da universalização do acesso e permanência na educação básica, isso nem sempre é garantia de qualificação e sucesso nesse percurso.

Entende-se que a prerrogativa do acesso precisa conectar-se com a transformação de vidas e perspectivas nos diferentes tempos e contextos sociais e culturais. As instituições de ensino devem atentar-se para as aprendizagens; os estudantes precisam encontrar na escola um espaço para amplificar suas facilidades e superar suas limitações. Uma escola que não amplia capacidades e aptidões e ajuda o estudante a superar suas dificuldades perde a razão de existir no contexto atual.

Olhar para todo esse contexto é um convite para refletir sobre as dimensões práticas e reais em que acontecem as relações de ensino e aprendizagem. Articular a ambiência a partir dos sujeitos e realidades materiais constituídas é o maior desafio para os que atuam na mediação de conhecimentos em ambientes de aprendizagem.

Por isso, encontrar um equilíbrio no universo de possibilidades, diante dos perfis discentes e docentes estabelecidos, tem se tornado um desafio na medida em que a concatenação de elementos precisa fazer sentido ao sujeito da aprendizagem, concreto real e diverso.

Este trabalho visa produzir respostas para esta dinâmica por meio do seguinte problema de pesquisa: Como tornar as escolas espaços mais criativos e próximos da vida como ela é? O resultado da revisão bibliográfica da pesquisa apresenta desafios didáticos, estratégias de organização de ambientes de aprendizagem e de protagonismo estudantil no seu percurso formativo.

O reconhecimento da diversidade

Pensar em ambientes de aprendizagem para os múltiplos sujeitos que compõem o tecido social e que encontram nas escolas espaços para o desenvolvimento intelectual, social e cultural dos sujeitos é um desafio, no sentido de aproximar a escola da vida como ela é, na sua diversidade de personalidades, culturas, competências, bem como, dos desafios em relação à multiplicidade de funções sociais que se manifestam nas competências necessárias nas atuais e novas relações de trabalho.

Por isso, a dinâmica da gestão pedagógica das escolas consiste em aproximar as ambiências de aprendizagem dos desafios atuais da sociedade, sem perder de vista as competências do perfil do egresso que a escola assume dentro do planejamento curricular. Entende-se aqui por currículo a síntese do conjunto de conhecimentos historicamente acumulados dentro das grandes áreas de conhecimento e, por sua vez, divididos em disciplinas ou componentes curriculares. O que acontece é que cada grande área de

conhecimento tem dimensões específicas e que, por sua vez dialoga com sujeitos específicos e com inteligências específicas.

Com base na teoria das múltiplas inteligências, elas são características biológicas que podem se manifestar antes mesmo de qualquer instrução. Nessa dimensão, desafia os paradigmas tradicionais de inteligência, propondo uma visão mais abrangente e diversificada, conforme argumenta Gardner.

“A teoria das inteligências múltiplas, por outro lado, pluraliza o conceito tradicional, uma inteligência implica na capacidade de resolver problemas ou elaborar produtos que são importantes num determinado ambiente ou comunidade cultural. ”
(Gardner, 1995, p.21).

Gardner argumenta contra a noção de que a inteligência é uma propriedade singular da mente, criticando os testes de inteligência que pretendem medir a inteligência de forma definitiva. Ele defende que, para compreender adequadamente a cognição humana, é necessário considerar um conjunto de competências muito mais amplas e universais do que tradicionalmente se considera.

Tradicionalmente, a inteligência era considerada uma capacidade geral, encontrada em graus variáveis em todos os indivíduos, e especialmente crítica para um desempenho bem-sucedido na escola. Desde o tempo de Platão, esta visão unitária da mente tem sido uma influência dominante no pensamento ocidental. (Gardner, 1995, p.106)

Superar essa visão tradicional exige atentar a outro ponto importante, que é a necessidade de considerar a possibilidade de que muitas, se não a maioria, das competências não podem ser medidas por métodos verbais padronizados, que se baseiam fortemente em uma combinação de habilidades lógicas e linguísticas, estrutura comum nos testes de QI. (GARDNER, 1995).

Nesse sentido, o autor aponta para a importância social da teoria sobre a cognição humana e suas implicações educacionais no sentido de estimulação e instrução personalizada para o desenvolvimento e a potencialização da mesma. Na visão dele, tem-se o mapeamento de sete inteligências: a musical, corporal-cenestésica, a lógico- matemática, a linguística, a espacial a interpessoal e a intrapessoal. Cada uma delas, está

fundamentada em elementos empíricos para dar sustentação prática à teoria. “A partir desta análise, julgamos que a avaliação das inteligências pode desempenhar um papel crucial no desenvolvimento dos currículos.” (GARDNER, 1995, p. 30)

A estrutura curricular e a metodologia passam a ser importantes numa dimensão muito maior do que na escola tradicional, pois nasce a necessidade de reconhecer a diversidade de competências naturais, totalmente sustentadas na multiplicidade e não na unidade lógico matemática e linguística.

As inteligências são sempre negociadas no contexto do atual arranjo de campos e disciplinas de modo geral existente nas escolas e sociedade. Embora inicialmente baseadas num potencial biológico, as inteligências expressam-se, inevitavelmente, como o resultado de fatores genéticos e ambientais que se interseccionam. (Gardner, 1995, p.106)

Foi um equívoco do passado tratar todos os alunos como se fossem descendentes diretos de um mesmo indivíduo e por consequência, sentir-se amparado a justificar em ensinar diferentes estudantes com a mesma metodologia ou formato didático. Para Gardner (1995, p.106), “Na maioria das culturas ocidentais, a tarefa de aprender os sistemas notacionais é executada no ambiente relativamente descontextualizado das escolas.”

Ainda nesta seara, o autor destaca que o que está em jogo não é o quanto você é inteligente, mas sim, como você é inteligente. Pois isso implica na forma como você aprende, o que pode aprender mais rapidamente e como pode se destacar num universo de possibilidades.

Reconhecido a diversidade das inteligências, é necessário reconhecer, no contexto atual da escola, a necessidade de construir espaços de desenvolvimento humano mais abertos, criativos e que dialoguem com a multiplicidade de sujeitos cognocentes.

A reconfiguração ambiental da escola

A escola, como instituição de ensino dividida em diferentes níveis, modelos e contextos sociais, absorve as crianças em idade escolar e tem o

compromisso social de desenvolver competências importantes para a mobilização da vida pessoal e a transformação dela a partir do acesso ao conhecimento.

Dessa forma, a rotina pedagógica e de aprendizagem deve superar a cosmovisão da escola tradicional, centrada na memorização, para um ambiente didático que fomente e dialogue com a individualidade de cada estudante num profundo exercício de liberdade criativa. “Com base numa visão atual do perfil intelectual do aluno, este agente recomenda os cursos que o aluno deveria escolher; e, no caso de um currículo uniforme, recomenda a melhor maneira de o aluno dominar esses materiais.” (GARDNER, 1995, p. 66).

Uma das tentativas de aproximar a escola das demandas e das necessidades individuais se deu através da oferta de disciplinas eletivas, por meio dos Sistemas Estaduais de Ensino, no desafio da reforma nacional do Ensino Médio, mas não é a questão central desse debate, pois o objetivo está em encontrar estratégias mais dinâmicas de aprendizagem, garantindo amplitude e profundidade no atendimento das especificidades dos estudantes.

Na medida em que existem disciplinas eletivas, é pertinente que o aluno conheça suas próprias inclinações. Este conhecimento não deve ser utilizado para impor disciplinas eletivas (o que em si mesmo seria uma contradição de termos). Em vez disso, o conhecimento das próprias potencialidades pode ajudar a pessoa a escolher cursos que poderiam ser particularmente apropriados ao seu estilo de aprendizagem. No caso de um currículo uniforme ou necessário, essa informação é igualmente importante, pois mesmo que os cursos sejam obrigatórios, não existe nenhuma razão para serem ensinados da mesma maneira para todos. (Gardner, 1995, p. 67).

À vista disso, (Robinson, 2019) critica sistemas tradicionais de ensino de massa desenvolvidos no século XIX e XX que assumem um caráter muito mais industrial tarefeiro, com características de ajuste para sistemas tradicionais de produção em massa, do que, um modelo criativo empreendedor.

Escolas que insistem transitar nessas características de gestão pedagógica da aprendizagem acabam assumindo uma expressão social sombria, pois aniquilam a individualidade, sufocam as regionalidades e a expertises culturais dos diferentes grupos que compõem a comunidade escolar.

Embora o conhecimento escolar frequentemente esteja dissociado dos contextos do mundo real, é nos contextos ricos, específicos para cada situação, que as inteligências costumam ser produtivamente empregadas. O tipo de conhecimento necessário nos locais de trabalho e na nossa vida pessoal normalmente envolvem um pensamento colaborativo, contextualizado e específico para cada situação. (GARDNER, 1995, p.107, apud Gardner, 1990; Resnick, 1987; Rogoff & Lave, 1984).

O movimento de organização escolar em torno de currículos fechados e padronizados é uma tentativa de criar um processo de acesso e universalização de ensino, mas que não atinge seus resultados, na medida em que não respeita as individualidades presentes na clientela da escola. “O problema é que eles são inerentemente inadequados para as circunstâncias inteiramente diferentes do séc. XXI.” (Robinson, 2019, p.6).

Conversando com Robinson, Gardner (1995, p.107) destaca:

Além disso, enquanto a aprendizagem na escola frequentemente inclui a manipulação de símbolos abstratos e a execução de atividades de "pensamento puro", a maior parte do pensamento necessário fora da escola está vinculado a uma tarefa ou objetivo específico, seja dirigir um negócio, calcular seu desempenho no trabalho ou planejar umas férias. Nestas situações, a inteligência intrapessoal - ou a capacidade de reconhecer que habilidades são necessárias, e de aproveitar as próprias forças e compensar as próprias limitações - pode ser especialmente importante.

No cenário educacional contemporâneo, as escolas enfrentam o desafio de desenvolver múltiplas competências nos seus estudantes. É preciso superar a ideia que os indivíduos possuem uma inteligência única, mas sim uma variedade de inteligências, cada uma com suas potencialidades e limitações.

Pensando em escolas e como elas devem atuar na mediação de conhecimentos e fortalecer as aprendizagens, evidencia-se o esforço de estimular a diversidade de competências. Isso visa um aprendizado mais eficaz e inclusivo, focado muito mais nas potencialidades do que nas limitações.

A ambiência escolar precisa ampliar se potencial adaptativo, sem perder sua essência, sua consistência e seus valores, mudar o ambiente significa rearticular a disposição dos sujeitos e elementos que o constituem. O

ambiente representa todos os espaços educativos, formativos e de convivência da escola. Completa-se com Gardner (1995, p.107),

Ele também deve considerar as habilidades específicas que os alunos trazem para as tarefas e o ambiente geral da escola, assim como os meios pedagógicos ótimos para ajudar os alunos a desenvolverem ou alterarem suas atuais capacidades e atitudes, para que estas sejam mais adequadas às exigências do contexto escolar.

As escolas que aderem a essa perspectiva estão mais aptas a atender às demandas individuais dos alunos. Ao considerar que cada estudante tem um perfil de inteligências, as escolas podem adaptar o ensino às características específicas de cada um. Isso não só aumenta o envolvimento e a permanência do aprendiz, mas também possibilita que os estudantes descubram e aprimorem suas próprias forças, favorecendo assim um aprendizado mais profundo, significativo e protagonista.

O desenvolvimento de múltiplas competências prepara os estudantes para o mundo real. Diante das dinâmicas globais cada vez mais complexas e interconectadas, a habilidade de mobilizar uma variedade de competências em diferentes situações é um diferencial. Ao fomentar múltiplas competências, as escolas estão fornecendo aos estudantes, as ferramentas necessárias para lidar com mais naturalidade com as constantes mutações da dinâmica da vida globalizada.

Neste viés, (Robinson, 2019, p.7) dispara,

A revolução que estou defendendo se baseia em princípios diferentes daqueles movimentos de padronização. Ela se baseia na crença do valor do indivíduo, no direito à autodeterminação, no nosso potencial para evoluir e viver uma vida plena e na importância da responsabilidade cívica e do respeito aos outros. [...]. Para mim, o objetivo da educação é possibilitar às pessoas a compreensão do mundo à sua volta e de seus talentos a fim de que se tornem cidadãos plenos, ativos e solidários.

Quando a escola reconhece a dinâmica da vida, em seus espaços escolares, ela contempla as múltiplas inteligências e permite que cada um, dada a sua expertise, possa encontrar na escola um lugar de expressão, de engajamento e de encantamento da vida. Assim, os múltiplos sujeitos da

escola entendem que a escola é o palco da vida onde cada um pode fazer o seu show. Essa perspectiva exige um novo posicionamento institucional.

Em primeiro lugar, os educadores que assumirem a teoria devem levar a sério as diferenças entre indivíduos e devem, ao máximo possível, moldar a educação de forma a atingir cada criança de maneira ideal. O advento dos computadores pessoais torna essa individuação mais fácil do que antes. O que só era possível para quem tinha dinheiro (professores particulares) em breve estará disponível para milhões de estudantes em todo o mundo. (Gardner, 2010, p.21)

Em segundo lugar, (Gardner, 2010) destaca que é preciso diversificar as formas de ensinar qualquer ideia, disciplina ou conceito importante, usando argumentos que estimulem diferentes tipos de inteligência ou combinações delas. Essa estratégia traz dois grandes benefícios: ao variar as formas de ensinar, o professor (ou o material didático) consegue alcançar mais crianças, respeitando suas diferenças e potencialidades, além disso, mostra aos alunos o que significa compreender um assunto de forma profunda e equilibrada, explorando suas diversas facetas e conexões.

Dialogando com esse conceito, destaca-se que a ampliação didática e pedagógica nas estratégias de ensino perpassa pela conversação curricular que permite ao estudante aprendizagens mais consistentes na medida em que, a aprendizagem rompe as barreiras da sala de aula e se conecta com o laboratório da vida nas diferentes dimensões.

Essa proposta, efetiva-se pela interação constante entre teoria, prática e experimentação social concatenada com objetivos de aprendizagens e competências multifocais. “Só os que conseguem pensar em um tópico de várias formas têm uma compreensão minuciosa desse tópico; aqueles cujo entendimento se limita a uma única visão têm uma compreensão frágil.” (GARDNER, 2010, p.21).

Para finalizar, o protagonismo na construção do conhecimento só faz sentido na medida em que o estudante se conecta com a inteligência que faz a alma dele vibrar para além da frequência universalizante do ensino tradicional de massa. Destacar-se em algo significa dialogar com a linguagem natural da sua inteligência.

Inovação e protagonismo nas relações de ensino e aprendizagem

Considerando a emergente digitalização dos processos em todos os setores e áreas de conhecimento, tem-se uma dinâmica mais digital e interconectada. A educação, como processo formativo e prospectivo da vida social, precisa reconhecer e incorporar estratégias de gestão das relações de ensino de aprendizagem que possam empoderar as novas gerações para as novas demandas de competências. A inovação e o protagonismo não são apenas tendências emergentes, mas elementos vitais que redefinem totalmente a forma de perceber estudantes, ambientes de aprendizagem e a maneira como ensinamos e aprendemos.

A inovação, neste contexto, vai além da simples adoção de novas ferramentas e tecnologias no ambiente escolar ou acadêmico. Ela envolve uma mudança de mentalidade, uma disposição intelectual para experimentar novas perspectivas pedagógicas e criar ambientes de aprendizagem que estimulem a curiosidade, a busca pelo conhecimento científico, a criatividade, o pensamento crítico e a cooperação estratégica nos processos de ensino e aprendizagem que caminham em sintonia com as competências gerais da BNCC (Base Nacional Comum Curricular).

Para que a reforma escolar progrida, os educadores e líderes de opinião precisam adotar uma visão comum - e uma metáfora ou discurso comuns - do tipo descrito por mim. Se esta visão fosse adotada, isso representaria um considerável avanço de ambas as partes no atual debate. Os educadores precisam reconhecer as genuínas diferenças acerca da ideologia e do processo de aprendizagem em suas fileiras, mas conciliar essas diferenças tendo em vista o estabelecimento de uma atmosfera cooperativa. Eles também precisaram comprometer-se com as difíceis tarefas de estabelecer e manter padrões relevantes, em termos locais, e alterar as estratégias e o pessoal quando o progresso não estiver sendo atingido. (Gardner, 1995, p.76).

A evolução social exige na educação uma resposta necessária ao ritmo das mudanças que acontecem fora da escola, principalmente no momento em que a inteligência artificial tem modificado totalmente a percepção sobre trabalho, sobre formas de aprendizagem e principalmente sobre a interação

com a inteligência humana. Neste sentido conversa-se com Gardner (1995, p.76), que alerta há mais de duas décadas sobre a necessidade de olhar para a educação com novas perspectivas.

Os líderes de opinião, por sua vez, precisam reconhecer que os vários aspectos da reforma escolar estão interligados, que as mudanças requerem tempo, liderança e orientação, e que a atmosfera das escolas é afetada pela atmosfera de suas localidades e da nação. Longe de representar uma retórica sentimental, um comprometimento com a comunidade revela o reconhecimento das duras realidades, imprescindível para a efetividade no mundo de hoje.

O desafio das relações de ensino e aprendizagem nesta seara, é focar no protagonismo dos estudantes, o que significa numa mudança de abordagem metodológica da gestão do conteúdo em sala. Reconhecer que cada aluno é um agente ativo de seu próprio aprendizado exige uma inversão no processo didático, no qual o conteúdo entra no processo pela tangente e o foco fica na competência. Isto é: é impossível ensinar todos os conteúdos no pouco tempo escolar que se tem. Urge, então, o desenvolvimento da competência para que, por meio dela, o estudante possa se movimentar de forma autônoma pelos conteúdos curriculares, como tantos outros de seu interesse.

Eles não são meros receptores de informações, mas sim participantes ativos no processo de construção do conhecimento. Isso significa criar a responsabilidade de construir objetivos de aprendizagem novos a partir da estrutura curricular já estabelecida, buscar recursos escolares e extraescolares na execução das metas de aprendizagem e, principalmente, avaliar o progresso com base nos critérios estabelecidos e pactuados coletivamente.

Os sistemas vivos também se adaptam e evoluem. Eles têm uma relação dinâmica e sinérgica com seu ambiente físico. Os organismos apresentam todos os tipos de potenciais latentes que podem emergir, dependendo das condições. Se o ambiente mudar na direção errada, o organismo pode sofrer e morrer, ou pode adaptar-se às mudanças ao longo do tempo e até evoluir para algo diferente. (Robinson, 2019, p.)

A inovação e o protagonismo são mais do que apenas conceitos e retórica. Eles são a chave para uma educação que é relevante, envolvente e eficaz na inovação e adaptação das relações de ensino e aprendizagem na

mesa sintonia dos sistemas vivos. Eles representam uma mudança fundamental na maneira como vemos a ambiência da aprendizagem, colocando o estudante no centro do processo educacional e reconhecendo a importância da inovação em todas as facetas do organograma educacional, conforme destaca Robinson, (2019, p.62)

Os sistemas educacionais também são complexos e adaptáveis. Eles são complexos de várias maneiras. São formados por vários grupos de interesse: alunos, pais, educadores, empregadores, organizações profissionais e comerciais, editoras, instituições avaliadoras, políticos e muitos outros. Todos eles têm seus próprios interesses, que podem ser comuns ou entrar em conflito, e afetam uns aos outros com vários graus de influência.

A inovação no ensino não se refere apenas à incorporação de tecnologia na sala de aula, mas também à adoção de novas abordagens pedagógicas. Isso pode incluir métodos de ensino interativos, aprendizagem baseada em projetos, aprendizagem colaborativa, intervenção social, estudo de caso, intercâmbios técnicos, escolares e culturais. Essas abordagens podem ajudar a tornar o processo de aprendizagem mais envolvente e eficaz e criar uma nova dinâmica organizacional dos ambientes de aprendizagem. Neste sentido enfatiza Robinson (2019, p.63)

Não importa o local e o tipo, cada escola é uma comunidade viva de pessoas com relacionamentos, biografias e sensibilidades únicas. Cada escola tem sua própria "sensibilidade", seus rituais e rotinas, seu próprio elenco de personalidades, seus próprios mitos, histórias, piadas internas, códigos de comportamento e suas muitas subculturas de amigos e grupos. As escolas não são santuários isolados do turbilhão da vida cotidiana. Elas estão conectadas de todas as maneiras ao mundo que as rodeia.

Entender que existe liberdade, que existe possibilidade de mudança e que a disciplina escolar não sufoca a inovação didática, é redimensionar o papel do professor, da gestão e dos pais na concatenação de elementos estruturantes da aprendizagem. Assim sendo, seguem algumas considerações sobre a reconfiguração dos papéis de cada segmento escolar.

Os professores, diante das questões anteriores já pontuadas, são convidados a amplificar sua percepção relacional com o perfil do estudante e a

partir disso se permitir a inovação no gerenciamento das relações de aprendizagem.

O principal desafio é evitar a improvisação didática e metodológica e a mera reprodução de conteúdo e práticas tradicionais de ensino que focam a memorização, a descontinuidade conceitual e a compartimentalização dos conhecimentos. Nesse sentido, cabe ao profissional da educação uma ampliação do planejamento didático para que ele possa se tornar mais conciso na abordagem conceitual e ampliar a conversação curricular na dinâmica do *continuum* curricular. (Hammerschmitt, 2021, p.110)

A dinamização das relações de ensino e aprendizagem trazem vários benefícios, tanto para qualidade de vida do professor como amplia a qualidade do ensino. De princípio, cria um clima organizacional mais leve, descontraído, interativo, o que por si só, gera motivação e fortalece o engajamento dos estudantes e mantém eles mais abertos a consolidar as propostas de aprendizagem apresentadas, compactuadas ou definidas pela estrutura curricular da escola.

Como vantagem subsequente, a inovação focada em estratégias de protagonização de objetos de aprendizagem ajuda o estudante a desenvolver competências fundamentais para as relações de trabalho, da vida social e cultural. Além disso, potencializa competências intelectuais para gestão de relações interpessoais, como pensamento crítico, resolução de problemas, colaboração e habilidade de servir, comunicação, alfabetização digital, autocuidado, empatia e ética. Cabe ao professor aceitar uma mudança estratégica em relação ao posicionamento que ocupa na condução de relações de ensino e aprendizagem.

O posicionamento pedagógico do professor muda na medida em que ele se torna um gestor de relações de ensino e aprendizagem, numa dinâmica sutil de sair do centro, da aula expositiva para uma aula interativa. (Hammerschmitt, 2021, p.110)

Em terceiro plano, gera mais autonomia e dialoga com a emancipação, a cidadania e o empoderamento individual, e ou, coletivo para resolução de situações problemas. Essas competências são estruturantes, pois veja bem, as

crianças e os estudantes são expostos ao ferramental tecnológico para resolução de problemas e desafios atuais, muitos dos quais talvez não existirão no futuro e outros se intensificarão. Então o mais importante não é focar no ferramental, pois os problemas atuais e futuros terão outros elementos tecnológicos como resolutividade.

A competência mestre a ser desenvolvida é a relacional, pois é da interconexão de ideias, pessoas, ferramentas tecnológicas advindas da diversidade do planeta, que nascem as soluções dos problemas futuros. Um novo pacote tecnológico pode ser repassado a uma equipe entre 30 e 40 dias, porém, desenvolver o espírito de tolerância, cooperação, trabalho em equipe, colaboração com a diversidade, iniciativa e engajamento, leva bem mais tempo. Por isso, a escola precisa adotar estratégias didáticas que ao mesmo tempo que mantém o estudante ativo e responsável pela resolução de situações problema, o capacita para a vida como ela é, no dia-a-dia da dinâmica social.

A estratégia didática deve naturalmente ampliar o repertório do estudante em relação aos objetivos de aprendizagem. A “dinâmica dialética permeada pela conversação com os diferentes elementos da realidade e que ajudam a qualificar os conceitos em questão, principalmente para que façam sentido no cotidiano da vida pessoal e social do estudante.” (Hammerschmitt, 2021, p.110). Entende-se que a abordagem dialética valoriza a diversidade de competências e que ao dialogarem com a multiplicidade das inteligências, vai reverberar socialmente posturas mais abertas, éticas e democráticas.

A aprendizagem só ocorre quando o estudante se engaja, se compromete e tem a maturidade emocional para enfrentar desafios pedagógicos, problemas de estudo e pesquisa, movendo-se de maneira autônoma, independente e crítica no universo das possibilidades pedagógicas que o envolvem. Antes mesmo de aprender a prestar atenção nas propostas de aula dos professores, o estudante precisa aprender a se ouvir como ser humano, entender a dinâmica da vida e ser capaz de visualizar em que medida a escola, o professor e o currículo, pode ajudá-lo a encontrar o sentido da vida e alcançar seus objetivos pessoais e profissionais.

No que tange à equipe gestora da escola, ela precisa entender que existe uma nova dinâmica de vida na escola na medida em que o professor amplia seu repertório didático para além da sala de aula clássica. Assim destaca Hammerschmitt, (2021, p.110)

Exige também uma postura inovadora de gestão escolar, da equipe pedagógica que passa a ver a escola como uma organização mais complexa que estende sua atuação muito além da sala de aula. Incorpora os valores democráticos para poder atender as necessidades diversas de toda comunidade escolar, sendo que os processos se tornaram muito mais personalizados do que a sala de aula tradicional.

Já que o tema é escola, é possível valer da seguinte analogia para explicar os desafios da gestão escolar na implementação de políticas educacionais adequadas ao tema problema deste trabalho:

Imagine a gestão como um bailarino ágil, dançando ao ritmo de uma música em constante mudança, com ritmos e estilos diferentes. Ela se move com a graça e a flexibilidade de um organismo vivo, esticando e dobrando para alcançar seus objetivos ampliados pela diversidade dos estilos e ritmos.

A liderança escolar, nesse cenário, é o coreógrafo sensível que guia a dança. Ela entende que a organização tem seu próprio ritmo, sua própria batida. Ela é viva, pulsante com energia e potencial que lhe são peculiares, mesmo que a batida possa ser universal. Essa liderança sabe que a coreografia nunca permanece a mesma.

A organização precisa se adaptar constantemente, mudar seus passos para acompanhar a música em constante evolução, bem como, se adaptar as coreografias tecidas pelos diferentes intérpretes. E mais do que isso, ela tem o poder de criar novos cenários, de mudar a música à sua vontade. Assim, a gestão e a liderança trabalham juntas em uma dança harmoniosa, movendo-se e adaptando-se para criar uma dinâmica de sucesso.

A articulação social da escola com a comunidade escolar, dentro da perspectiva da multiplicidade de inteligências e competências, torna-a mais democrática e atrativa também para a comunidade. Isso acontece na medida em que ela dialoga com os diferentes perfis sociais e também valoriza a

multiplicidade de inteligências da comunidade. Nesse contexto, ela se torna referência formativa e através de parcerias interinstitucionais ela cria uma nova realidade para o território em que ela está inserida.

O que é fato, é que ninguém vai se identificar com uma instituição que lhe é totalmente estranha. Por conseguinte, a gestão precisa criar fluxos informacionais entre a escola e a comunidade para potencializar sua capacidade de ação com famílias e estudantes que ao se reconhecerem no espaço escolar, se tornam mais colaborativas. Assim defende Robinson, (2019, p.63),

Uma escola vibrante pode alimentar toda uma comunidade, tornando-se uma fonte de esperança e energia criativa. Eu vi bairros inteiros prosperarem por meio da presença vivificante de uma grande escola. Escolas ruins podem drenar o otimismo de todos os alunos e das famílias que dependem delas ao diminuir suas oportunidades de crescimento e desenvolvimento.

Uma escola criativa nas suas relações públicas, tanto interna quanto externa, cria dinâmicas relacionais mais consistentes, seguras, confiantes e colaborativas. Por isso, a escola na dinâmica da vida como ela é precisa criar espaço para a manifestação da vida em sua ambiência, sempre numa profunda sintonia com as manifestações culturais do seu entorno.

Referências Bibliográficas

GARDNER, Howard. **Inteligências múltiplas: a teoria na prática**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

GARDNER, Howard. **Inteligências múltiplas ao redor do mundo** [recurso eletrônico] / Howard Gardner ... [et al.]; tradução Roberto Cataldo Costa, Ronaldo Cataldo Costa; revisão técnica Rogério de Castro Oliveira. – Dados eletrônicos. – Porto Alegre: Artmed, 2010.

ROBINSON, Ken. **Escolas Criativas: a revolução que está transformando a educação**. Ken Robinson, Lou Arônica. Porto Alegre: Penso, 2019.

SANTA CATARINA. Secretaria de Estado da Educação e do Desporto. **Formação Integral na Educação Básica**. Florianópolis, SC: 2019.

SANTA CATARINA. Secretaria de Estado da Educação **Currículo base do ensino médio do território catarinense: caderno 3 – portfólio de trilhas de**

aprofundamento / Secretaria de Estado da Educação. – Florianópolis: Gráfica Coan, 2021.

SCHWENGBER, Ivan Luís. et al. **Filosofia e educação:** temas transversais, reflexões e práticas pedagógicas. Organizadores: Ivan Luís Schwengber, Leandro Mayer, Vianeí Luis Hammerschmitt. – Itapiranga : Schreiber, 2021. 196 p. ; e-book